

Fale para o professor

Tecnologias e linguagens

As tecnologias nos ajudam ou nos permitem fazer coisas que talvez fossem mais difíceis ou mesmo impossíveis sem elas. No caso da educação, pode ser que permitam ensinar melhor e mais eficazmente; ou pode ser que permitam aprender de forma mais fácil ou mais eficiente. Afinal, isso deveria ser o que buscamos, tanto alunos quanto professores. No entanto, é necessário ajustar as tecnologias aos propósitos que temos (e ter algum, aliás, é fundamental), para que essa integração faça realmente sentido e seja prolífica.

Usamos quadro, giz, rádio e televisão, isto é, palavra, imagem e som, há tempos. Em vários casos, buscamos potencializar algo ou ajustar melhor as formas de apresentação possíveis para determinados temas ou assuntos. Em aulas de Biologia, por exemplo, pode ser bem mais eficaz *mostrar* alguns processos do que apenas narrá-los. A visualização é um elemento importante para a compreensão de certos temas, como ocorre a ciclos de vida ou a processos celulares que jamais poderiam ser observados a olho nu, o que também pode ser aplicado a aulas de Geografia ou a questões de História ou Física. Filmes podem ajudar nessa tarefa, tanto quanto produções estilizadas que outras tecnologias podem oferecer. É o caso dos programas editores de imagens ou de textos que rodam nos computadores.

Carla Coscarelli, em sua tese de doutoramento, em 1999, já mostrava diferenças de recepção de textos quando havia apenas palavra ou uma associação entre palavra-e-imagem. Embora não se fundamentasse em teorias da multimodalidade como as conhecemos hoje, era, efetivamente, disso o que a autora, pesquisadora da UFMG, tratava, nos anos 1990. Ela mostrava, afinal, como as imagens podiam potencializar a leitura (e a produção de sentidos) de certos textos. Aplica-se ao caso de sua tese a ideia de que certos textos funcionam

melhor na integração entre linguagens e semioses, isto é, quando o leitor pode produzir sentidos com base em uma leitura multimodal, se for o caso adequado.

Gunther Kress, autor conhecido no Brasil principalmente por seus estudos sobre novos letramentos e multimodalidade, formula bem a questão que, para mim, envolve a seleção de tecnologias na educação: “A atual paisagem comunicacional pode ser caracterizada pela metáfora de sairmos do *dizer o mundo* para o *mostrar o mundo*” (KRESS, 2003, p. 140, tradução minha). Para fazer um deslocamento como esse, é necessário estar engajado nas discussões e nas aplicações de tecnologias que possam ampliar a gama de possibilidades do ensinar e do aprender, o que não invalida nem reduz, penso, formas anteriores de atuação. É fundamental lembrar, também, para complementar a formulação do autor, que tanto o *dizer* quanto o *mostrar* o mundo demandam competências de leitura – do visto, do lido, do ouvido ou do mostrado.

Kress também afirma que “Novas formas de leitura, quando os textos *mostram o mundo* mais do que *dizem o mundo*, têm consequências para as relações entre produtores e reprodutores de sentido (escritores e leitores, produtores de imagens e *viewers*¹)” (KRESS, 2003, p. 140. Tradução minha). Tais consequências estão, é claro, ligadas a novos modos de produção, apresentação e circulação dos textos – textos sendo entendidos em sentido amplo, muito mais do que apenas palavras.

Tecnologias e seleções de modalidades

Em alguma medida, todo professor atua como editor. Se o editor é o profissional a quem cabe escolher entre textos, linguagens, modos de apresentação, etc., ao professor, em larga medida, cabem as mesmas coisas, no âmbito da escola ou da sala de aula.

Com a chegada do computador e seus programas, assim como da web e suas aplicações, a “paisagem comunicacional” de que fazemos parte, como produtores de sentido, tanto lendo quanto escrevendo, ampliou-se de tal maneira que as demandas de nossas competências de editores tornaram-se mais

¹ *Viewers* poderiam ser entendidos como os leitores de imagens. A palavra em português é difícil de encontrar... *vedores*? *Visores* já tem outro sentido. Mas são os leitores de imagens.

complexas. O que escolher? Para quais objetivos? Com que linguagens? Com que ferramentas? Mas como empregar tais ferramentas? Que potencial elas têm para o objetivo que temos? Mas é absolutamente necessário ter claro um objetivo que não seja, somente, usar a tecnologia apenas por usá-la.

Essas são perguntas absolutamente necessárias, a meu ver, para nosso deslocamento responsável e pertinente pelas possibilidades atuais de uso de tecnologias na educação. Não basta recorrer a um vídeo no YouTube, ao Flash², ao Prezi³ ou a qualquer outra ferramenta se ela não potencia algo que poderia ser feito de qualquer outra maneira, isto é, se pensarmos na *pertinência* como um elemento a ser avaliado.

Assumindo um ponto de vista evidentemente fundamentado na teoria da multimodalidade, que prega, justamente, a ideia de que as linguagens se integram para a construção dos sentidos, de várias formas, inclusive de maneiras balanceadas conforme o caso, seria no mínimo incoerente tratar a tradicional aula expositiva como um problema, na atualidade. Falar e conversar sempre foram e sempre serão um modo eficaz e importante de ensinar e aprender. A fala é uma modalidade de linguagem, tão antiga quanto o gesto ou a expressão corporal, como deveria ser óbvio, mas, em todo caso, está explicitado em teorias como a da multimodalidade. Dionísio (2005) já vinha explorando essa relação, na fala.

Em muitos casos, no entanto, parece haver o equívoco, em alguns discursos tecnologicizantes em excesso⁴, de (a) não tratar as modalidades da fala como tais e (b) estabelecer uma relação competitiva e excludente entre a fala ou a apresentação oral e outros modos de empregar linguagens e tecnologias. O equívoco disso é tratar umas modalidades como melhores do que as outras, enquanto o que deveria ser compreendido é a interação entre todas elas, numa "paisagem comunicacional" contemporânea bem mais complexa e intrincada do que a de séculos atrás.

² Programa editor de imagens em movimento.

³ Programa editor de apresentações.

⁴ Mas este é o discurso hegemônico, hoje, tanto nas políticas de educação que dizem respeito à compra e ao uso de tecnologias quanto na produção acadêmica.

Tecnologias e aulas

Aulas expositivas podem ser eficazes e pertinentes para muitos temas e situações. Associadas a elas, já vínhamos, há séculos, desenhando, escrevendo em lousas, levando estudantes para visitas ou empregando música e imagem, em livros e discos. A aula multimídia não é novidade, absolutamente.

Em vários casos, no entanto, tecnologias mais recentes, especialmente as de natureza digital, podem ser empregadas para funções próximas das que já conhecíamos – um vídeo do YouTube é, ainda, um vídeo – ou para situações em que ainda não era possível fazer algo mais pertinente, como, por exemplo, acompanhar o processo de produção de um texto remotamente, via editor em nuvem (caso do Google Docs)⁵. Penso ainda em manipulações que não alcançávamos, como, por exemplo, a edição de imagens, o remix, algo que, hoje, depende apenas da captura delas e de programas como o PaintBrush, para citar um que seja simples e esteja em muitas máquinas. Para citar algo mais sofisticado, vale mencionar a edição de imagens no Photoshop ou a diagramação de textos no InDesign, algo para que bastam certa curiosidade e dedicação à aprendizagem de um programa.

Uma aula em que se faz mais do mesmo, mas em que se emprega um computador, pode ser apenas uma aula em que se muda a ferramenta, mas não o paradigma. E nem toda aula precisa de alterações profundas. Ensinar a escrever satisfatoriamente é, já, ampliar o "poder semiótico" (KRESS, 2003) de uma pessoa, uma comunidade, uma população, de forma importante. O mesmo cabe para ensinar a ler e, ainda, de forma mais abrangente, o ensinar a produzir sentidos. Ensinar, portanto, a produzir textos na integração de linguagens é, ainda mais, ampliar o "poder semiótico", assim como, talvez o alcance, a cidadania, a expressão, a compreensão e a capacidade de aprender e de ensinar.

⁵ Descrevi isso com detalhes em alguns trabalhos, como Ribeiro (2012) e em coautorias em Ribeiro e Coscarelli (2013) e Novais, Ribeiro e D'Andréa (2011).

Tecnologias e professores

As tecnologias – digitais – estão à nossa disposição, seja por meio dos aparelhos que adquirimos (e seus softwares), seja por meio dos equipamentos que chegam até nós em nossos locais de trabalho ou onde atuamos como educadores, em quaisquer disciplinas. Ter acesso a esse aparato, no entanto, não garante, por si, a ampliação do alcance de nossas aulas, dos textos que selecionamos ou produzimos ou das competências ligadas à leitura de nossos estudantes.

O acesso facilitado às novas tecnologias, como ainda as chamamos, mesmo após mais de 20 anos, não nos garante a ampliação do "poder semiótico" de estudantes e de professores. Apesar de trabalhos que descrevem – e até defendem – a primazia dos jovens como usuários competentes de tecnologias, nem mesmo a eles é garantida a competência máxima no uso de ferramentas e na produção de sentidos que venham para somar ou melhorar nossas condições cidadãs e de produção de conhecimento.

É, ainda, papel da escola tratar desse empoderamento, especialmente nas linguagens (alfabéticas, imagéticas, matemáticas, etc.), atuando de forma responsável e pertinente, esforçando-se por não apenas transmitir ou traduzir discursos deslumbrados e milagrosos sobre tecnologias – como se a educação dependesse apenas do toque mágico delas –, mas, principalmente, ocupando-se de estudar e produzir modos de disponibilizar a expressão, em suas modalidades de produção e de circulação, a todos aqueles que querem, precisam e/ou podem fazê-lo.

Para isso, continua importante a agência do professor, entendido como cidadão que toma para si a tarefa de *contar, mostrar, expor, propor, indicar, recomendar, avaliar, ler, cuidar* e tantos outros verbos que, balanceados conforme a mistura de que se necessite, se integram na palavra *ensinar*. Mas ensinar de forma sistematizada, pensada e editada, sem, no entanto, omitir possibilidades dos estudantes.

Aprender, no entanto, não é tarefa só de quem faz matrícula, senta-se de costas para os colegas, dentro de uma sala sem livros, sem telas, sem comunicação com o exterior – como ainda querem muitas escolas, públicas ou

privadas. *Aprender* é extensivo a professores, pais e dirigentes, assim como *ensinar*, já que os ambientes do letramento vêm de fora da escola, tanto ou mais do que de dentro dela. Letramento é prática social, lembremo-nos. Isso inclui jovens e adultos, além da interação com linguagens, modalidades, semioses – o nome que tenham –, além da compreensão e da atuação sobre uma “paisagem comunicacional” que nos ocupa, diariamente, e que nos desafia a todos, queiramos ou não.

Hoje, graças a invenções tecnológicas de que nos apropriamos, menos ou mais, temos mais modos de expressão e de circulação de textos, informação e conhecimento do que em outras épocas. Não cabe mais discutir *se vamos usar*. O debate se nutre de questões sobre *como* e *quais* ferramentas ou linguagens empregar, para tais ou quais objetivos e funções. Na aula expositiva ou no uso de computadores, o importante é que os recursos nos sirvam para a ampliação da expressão e do “poder semiótico”, na expressão de Kress (2003), com vistas à nossa ação cidadã na escola, na comunidade, no mundo.

Faz sentido?

Se todas as modalidades, nas linguagens, e todos os recursos tecnológicos são importantes e passíveis de serem selecionados e orquestrados com finalidade educativa, as questões (e os desafios) são: Faz sentido usar? Qual é o objetivo? Atende? Faz diferença? Apenas substitui outro recurso mais tradicional (mesmo que seja a fala) ou é capaz de potencializar minha forma de ensinar e os modos de aprender? Com esta escolha, faço algo que não poderia fazer de outro modo? O que quero, de fato, é ensinar e aprender ou apenas empregar um recurso moderno?

De fato, é fundamental testar, experimentar. Em grande parte, o aprendizado das ferramentas é autônomo, por tentativa e erro ou por meio de tutoriais que nem sempre são institucionais. Enquanto não vêm ou não funcionam os “cursos de capacitação”, deve bastar a curiosidade de usar um recurso e fazer as devidas “adaptações” do ensino de dado assunto, com este ou aquele recurso. Mas é necessário fazer sentido disso. Ler e escrever são a base para pensarmos todas as formas de expressão de que dispomos hoje.

Referências

COSCARELLI, Carla Viana. *Leitura em ambiente multimídia e produção de inferências*. 322 f. Tese. (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 1999.

DIONISIO, A. P. Multimodalidade discursiva na atividade oral e escrita (atividades). In: MARCUSCHI, Luiz A. (Org.); DIONISIO, Angela P. (Org.). *Fala e Escrita*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

KRESS, Gunther. *Literacy in the new media age*. London: Routledge, 2003.

NOVAIS, Ana Elisa; RIBEIRO, Ana Elisa; D'ANDRÉA, Carlos. Wiki: escrita colaborativa. *Presença Pedagógica*, v.17, n.101, p. 22-29, set./out. 2011.

Disponível em: <

http://www.academia.edu/1924384/Wiki_escrita_colaborativa>. Acesso em: 10 maio 2014.

RIBEIRO, Ana Elisa. *Novas tecnologias para ler e escrever: algumas ideias sobre ambientes e ferramentas digitais na sala de aula*. Belo Horizonte: RHJ, 2012.

RIBEIRO, Ana Elisa; COSCARELLI, Carla Viana. Agentivity, collaborative writing and NTICs: a brief analysis of three cases of textual production in the text editor from Google Docs. In: JUNQUEIRA, Eduardo S.; BUZATO, Marcelo E. K. (Orgs.). *New literacies, new agencies? A brazilian perspective on mindsets, digital practices and tools for social action in and out of school*. Nova York: Peter Lang, 2013. p. 105-125.